

PSICANÁLISE E SOFRIMENTO CONTEMPORÂNEO: O PAPEL DO MAL-ESTAR E DA ANGÚSTIA

Autora: Danielle Belo Lamarca¹

Autora: Ana Carolina de Faria Huguenin²

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar, à luz da psicanálise freudiana e lacaniana, a relação entre mal-estar, angústia e diagnóstico, evidenciando sua relevância para a compreensão do sofrimento humano na cultura contemporânea. Trata-se de pesquisa teórico-bibliográfica, baseada na análise de textos clássicos de Freud e Lacan e comentadores contemporâneos. Os resultados indicam que a integração desses conceitos possibilita compreender a experiência subjetiva e suas implicações clínicas, articulando teoria, prática e contexto cultural.

Palavras-Chave: Cultura; Diagnóstico; Sociedade; Subjetividade; Sintoma.

Abstract: The present study aims to analyze, in light of Freudian and Lacanian psychoanalysis, the relationship between malaise, anxiety, and diagnosis, highlighting their relevance for understanding human suffering in contemporary culture. This is a theoretical and bibliographical study based on the analysis of classical texts by Freud and Lacan, as well as works by Safatle and Birman. The results indicate that the integration of these concepts enables a deeper understanding of subjective experience and its clinical implications, articulating theory, practice, and cultural context.

Keywords: Culture; Diagnosis; Society; Subjectivity; Symptom.

¹Docente, Universidade Veiga de Almeida (UVA), Rio de Janeiro – RJ, Brasil. Pesquisa não financiada.

²Acadêmica de mestrado, Universidade Veiga de Almeida (UVA), Rio de Janeiro – RJ, Brasil. Pesquisa não financiada.

INTRODUÇÃO

Desde sua fundação, a psicanálise propõe uma leitura singular do sofrimento humano, não apenas no campo da patologia, mas também na relação do sujeito com a cultura. Freud (1930/2010), em *O mal-estar na cultura*, destaca que a vida em sociedade, embora proporcione proteção e subsistência, exige renúncias pulsionais que resultam inevitavelmente em insatisfação. Nesse horizonte, a angústia ocupa lugar central, pois, diferentemente de outros afetos, não se deixa deslocar com facilidade. Em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud (1926) a define como um sinal de perigo diante da perda do objeto amado ou da ameaça de desamparo. Lacan (2005), posteriormente, amplia essa concepção ao afirmar que a angústia é o único afeto que “não engana”, revelando a proximidade do sujeito com o real.

Nessa perspectiva, o diagnóstico em psicanálise adquire um estatuto particular. Diferentemente das classificações nosográficas presentes em manuais como o DSM e a CID, a psicanálise busca localizar a posição subjetiva do sujeito frente ao inconsciente, ao desejo e ao gozo. Lacan (1955- 1956/1998) ressalta que a distinção estrutural entre neurose, psicose e perversão deve ser entendida como operador clínico e não como rotulação estática.

A relevância deste estudo justifica-se pela atualidade do debate em torno do mal-estar, da angústia e do diagnóstico no contexto contemporâneo. Em uma sociedade marcada por exigências crescentes de desempenho, produtividade e visibilidade, tais conceitos se tornam fundamentais para compreender a constituição subjetiva e as formas de sofrimento.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O mal-estar, a angústia e o diagnóstico psicanalítico podem ser compreendidos como eixos interdependentes na experiência subjetiva. O mal-estar, segundo Freud (1930/2010), não se limita a uma sensação momentânea de insatisfação, mas constitui uma dimensão estrutural da vida em sociedade,

resultado das tensões entre as exigências culturais e as pulsões do indivíduo. Nesse sentido, ele cria um cenário em que o sujeito precisa lidar constantemente com frustrações e limitações, condições essenciais para a vida coletiva, mas potencialmente geradoras de conflito interno.

A angústia, por sua vez, revela-se como indicador privilegiado dessas tensões. Diferente de outros afetos, ela não se deixa enganar ou deslocar facilmente (FREUD, 1926; LACAN, 2005). Na prática clínica, a angústia funciona como um sinal que aponta as áreas de conflito entre desejo e proibição cultural, permitindo que o analista identifique como o sujeito estrutura suas defesas, lida com perdas e reage às exigências do Outro. Assim, ela não é apenas sintoma, mas ferramenta de interpretação clínica.

O diagnóstico psicanalítico não se limita a classificar o sujeito, mas a compreender sua posição diante do inconsciente, do desejo e do gozo (LACAN, 1955–1956/1998). A distinção entre neurose, psicose e perversão funciona como um instrumento que orienta a escuta, indicando padrões de defesa e formas de lidar com o mal-estar, sem reduzir a singularidade do sujeito a categorias rígidas. Essa abordagem distingue-se da psiquiatria tradicional, que prioriza critérios observáveis e dados estatísticos, mostrando a psicanálise como aquela que privilegia a subjetividade e o contexto cultural.

Observa-se, na contemporaneidade o quanto que o mal-estar e a angústia são intensificados pelas exigências sociais de produtividade, desempenho e visibilidade, frequentemente mediadas pelas redes sociais. O sujeito moderno enfrenta uma pressão constante para corresponder a padrões idealizados, enquanto experimenta frustrações que revelam a impossibilidade de satisfação plena. O diagnóstico e a análise desses fenômenos tornam-se, portanto, instrumentos para compreender como essas tensões estruturam o sofrimento psíquico e influenciam a vida cotidiana.

A integração desses conceitos permite construir uma perspectiva clínica e teórica coerente, na qual o sofrimento não é encarado como falha individual, mas como resultado da complexa interação entre subjetividade e cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revelou que o mal-estar é uma condição estrutural do sujeito inserido na cultura, sendo inevitável e universal, conforme demonstrado por Freud (1930/2010). Observou-se que a angústia, longe de ser apenas sintoma também aparece como um ponto a ser questionado durante o processo de análise (FREUD, 1926; LACAN, 2005). Além disso, o diagnóstico psicanalítico mostrou-se eficaz para compreender a singularidade de cada sujeito frente às exigências culturais, diferindo significativamente das classificações psiquiátricas tradicionais, que buscam categorias fixas (LACAN, 1955-1956/1998).

A análise também evidenciou que, na contemporaneidade, a intensificação das pressões sociais, amplifica os efeitos do mal-estar e da angústia, tornando a leitura psicanalítica desses fenômenos ainda mais relevante para compreender o sofrimento. Por fim, foi possível constatar que a integração entre os conceitos estudados permite uma visão mais ampla do sofrimento humano, articulando teoria, clínica e contexto cultural.

FONTE CONSULTADA

BIRMAN, José. *Psicanálise e cultura: ensaios sobre sociedade e sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

BIRMAN, Joel. O mal-estar na modernidade e a psicanálise: a psicanálise à prova do social. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 203-224, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v15so/v15soa10.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2022.

FREUD, Sigmund. *Inibição, sintoma e angústia*. Rio de Janeiro: Imago, 1926.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 2010. (Original publicado em 1930)

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21. (Obra original publicada em 1927).

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 10: A angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. (Original publicado em

1966)

LACAN, Jacques. O Seminário, Livro II: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1955-1956). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

POLI, Maria Cristina. Perversão da cultura, neurose do laço social. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 7, n. 1, p. 39-54, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982004000100003>. Acesso em: 9 ago. 2022

SAFATLE, Vladimir. O desejo e o mundo: ensaios sobre psicanálise e contemporaneidade. São Paulo: Boitempo, 2010.